



Parte 1: Os Coçadores de Barba  
Parte 2: *Deutschland über alles*  
Parte 3: As almas do Volk negro  
Parte 4: A experiência auditiva  
Epílogo do dia antes de ontem

Agradecimentos

Notas

Sobre o autor

Créditos

*Para Yvonne W. Beatty, minha mãe*

Parte 1

# Os Coçadores de Barba

Você podia achar que a essa altura eles já teriam se acostumado comigo. Quer dizer, será que eles não sabem que depois de quatrocentos anos a farsa da negritude acabou? Que nós, os negros, que já fomos uma eterna modinha, o povo que já foi tão atual quanto a Hora de Greenwich, de hoje em diante somos tão antigos quanto ferramentas de pedra, o velocípede e o canudinho de papel? O Negro agora é oficialmente humano. Todo mundo diz isso, até os ingleses. Não importa se alguém de fato acredita nisso; somos tão medíocres e mundanos quanto o resto da espécie. As almas inquietas dos nossos mortos agora são livres para ser quem realmente são debaixo daquela pátina primitiva moderna. Josephine Baker pode tirar o osso do nariz, deixando seu esqueleto de joelhos juntos e pés separados com a cota original de 206 peças. O fantasma de Langston Hughes, atormentado por amores não correspondidos, pode largar a caneta tinteiro Montblanc (um presente) e abrir bem a boca. Não para recitar suas rimas populistas, mas para lambar e chupar o pinto imenso de um cafajeste qualquer do Harlem e praticar aquilo que é, no fim das contas, a verdadeira tradição oral. Nossos revolucionários podem depor suas armas. A guerra acabou. Tanto faz quem ganhou, pegue sua pistola, o três-oitão, a escopeta, as armas que você balançou gritando foda-se-o-homem-branco na frente das crianças, pegue essas armas e guarde num estojo de vidro para que elas possam repousar passivamente sobre o feltro vermelho ao lado do bacamarte e do arcabuz português e do mosquete dos milicianos da guerra de Independência. O grito de guerra, mesmo dos nossos mais corajosos, não é mais “Te vejo no inferno!”, e sim “Te vejo no tribunal”. E se você ainda está chateado com a História, ligue pra um advogado e tente fazer um acordo para receber uma

indenização pela escravidão. A negritude é obsoleta, e pra falar a verdade, estou é feliz da vida, porque agora se quiser posso ir a um salão fazer bronzamento artificial, e eu quero.

Entrego o cupom para a recepcionista. Na parte da frente há uma foto aérea lustrosa de uma praia caribenha. Ela vira o papel e olha desconfiada do meu rosto para o verso do cartão, que diz: SALÃO DE BRONZEAMENTO PRAIA ELÉTRICA. COMPRE DEZ BANHOS DE LUZ E LEVE 1 GRÁTIS. Debaixo do texto, em duas fileiras de cinco, há dez círculos do tamanho de moedas de pfennig; e cada círculo tem carimbado em tinta vermelha um sol ardente com um sorriso cheio de dentes e óculos escuros. Hoje é o dia glorioso em que vou resgatar meu bronzamento gratuito. Mas de algum modo essa mulher, que carimbou pessoalmente pelo menos sete dos dez soizinhos sorridentes, reluta em me indicar uma sala de bronzamento. Normalmente ela carimba meu cartão e sussurra baixinho: *Malibu, Waikiki ou Ibiza*, e eu vou cuidar da minha vida.

Um sorriso de familiaridade meio perplexa aparece lentamente no rosto dela. Um olhar que diz: Acho que já vi você em algum lugar. Você não me estuprou terça passada? Você não é o professor de sapateado do meu filho?

“Acapulco.”

Até que enfim. Ela escreve a lápis meu nome na agenda. Aponto para o protetor solar na vitrine atrás dela.

“Coppertone”, digo.

Um tubo de Tropical Blend desliza pelo balcão como um torpedo em miniatura. O fator de proteção solar é dois. Muito fraco. Se o gloss labial branco-baunilha da recepcionista tem FPS três, a cor natural da minha pele é pelo menos um seis. Mando o torpedo de volta. “*Zu schwach. Ich brauche etwas Stärkeres*”, digo, pedindo algo mais forte.

Talvez os mamíferos devessem ser classificados por fatores de proteção solar. FPS3, casada, trinta e cinco anos, procura homem não fumante, espontâneo, FPS4 ou mais claro, para relacionamento discreto. Rinoceronte FPS7 Corre Risco de Extinção. É o FPS50ão que manda aqui. *Acima de tudo, a mim o*



*que chocou foi a FPS2zidade da baleia. Porém que esperanças posso ter de me explicar aqui; e no entanto, de algum modo vago, aleatório, é mister que me explique, ou inúteis podem ser estes capítulos todos.*

A sala Acapulco, sem janelas, dá a sensação macabra de uma clínica de quimioterapia em Tijuana. Como as lojas de bebidas, as quadras de basquete e as igrejas que funcionam em antigos prédios comerciais na minha terra natal, os salões de bronzamento são refúgios ubíquos em Berlim. Lugares que servem como último recurso para doentes terminais, pobres e pecadores terminais, pálidos terminais. Lugares a que você pode ir quando os médicos dizem que não há mais nada a fazer. Quando o mundo diz que o que você está fazendo não basta.

Um ventilador de teto gira eficiente em meio ao cheiro de mofo. Numa parede azul-calcinha desbotada há dois pedaços de pergaminho com cara de documentos oficiais; o primeiro é um certificado de inspeção do Departamento de Saúde e Segurança de Berlim e o outro, com letras ornamentadas, é um diploma de algo chamado Solarologia na Faculdade da Colheita Eterna. No meio da sala fica a cama de bronzamento, uma panaceia de vidro e metal cromado feita no paraíso, ou para ser mais preciso, em Taiwan. Tiro a roupa e passo o protetor, deixando a porta aberta só um tiquinho.

Depois de anos de bronzamento, minha pele perdeu boa parte da elasticidade. Se belisco o antebraço, o montinho de carne fica ali por uns segundos antes de voltar lentamente ao lugar. Minha pele escureceu um pouco; continua um marrom bacana não ameaçador de crioulo de sitcom, mas tem um toque de roxo-romã que dependendo da luz me dá um brilho mais de vilão. Metade da informação que tenho sobre as novidades da cultura pop afro-americana vem de berlinenses que me param na rua e dizem: *Du siehst aus wie...*, e aí eu chego em casa e vou procurar Urkel, Homey the Clown e Dave Chappelle na internet. Ultimamente as semelhanças têm sido com personagens mais sinistros de filmes B baseados na ficção barata do Elmore Leonard.

Alugo esses filmes — *Jackie Brown*, *Irresistível paixão*, *O*

*nome do jogo* — e assisto correndo da tela da tevê para o espelho do banheiro. Acho que não tenho nada a ver com esses caras, esses canastrões de um só papel cujo carisma se resume à voz de baixo e à inflexão que usam pra dizer *filho da puta*. Sam Jackson, Don Cheadle, o gordinho babaca de *O outro nome do jogo*, eles são sempre espertos e maus, mas nunca espertos o suficiente para enganar o cara branco nem malvados o bastante para cometer um crime realmente hediondo.

Várias vezes me pego pensando que teria sido mais fácil crescer na geração do meu pai. Na época, só existiam quatro crioulos para você ser parecido: Jackie Robinson, Bill “Bojangles” Robinson, Louis Armstrong e o Uncle Ben, o sujeito de lábio grosso com chapéu de mestre-cuca na caixa do arroz instantâneo. Hoje em dia todo preto é parecido com alguém. Um atleta, um cantor ou um idiota de celuloide. Na época do pai, para descrever um negro que a pessoa não conhecia, você dizia que era o tipo de crioulo que ia te dar um chute no saco; hoje você diz que ele parece o Magic Johnson ou o Chris Rock, o tipo de crioulo que ia puxar o teu saco.

A maior parte das loções é gelada e relaxante, mas o protetor solar é diferente. O treco cheira a salmoura e tem a consistência de manteiga rançosa. Minha pele escura parece repelir aquilo. Posso esfregar o quanto quiser que o creme não desaparece, muito menos hidrata. Os redemoinhos gordurosos ficam ali na pele igualzinho a cera de carro antes de polir. Silencio o ventilador de teto puxando firme a cordinha. Não sei dizer se o ventilador ficou mais lento ou mais rápido. Mais um puxão. Dá na mesma. Desajeitado, subo na cama de bronzamento e ergo a mão até as pás do ventilador baterem nos dedos e lentamente começarem a parar. Fica um resíduo gorduroso, fibroso na minha mão, que limpo na parede.

Ponho os óculos. A cama de bronzamento é fria mas logo esquenta. Como uma febre na infância, o bronzamento esquenta seu corpo de dentro para fora. Meus ossos brancos como cinzas viram carvão de cálcio, lenhas da alma. Logo estou de novo na parte de baixo do meu beliche, a radiação ultravioleta



substituindo minha mãe superprotetora que empilhava cobertor em cima de acolchoado em cima de cobertor em cima do seu menino. O calor das lâmpadas fica indistinguível daquele que saía das mãos secas e calejadas da mãe. Minha própria pele parece vitrificar, e uso o pouco espaço que tenho para mexer os braços e colocar um CD no aparelho de som embutido e apertar play.

Música. Minha música. Não no sentido que casaizinhos no banco de trás de um carro têm sua música, nem no sentido que o rock ‘n’ roll dos anos 1950 pertence ao diabo, mas minha no sentido de que eu sou dono da música. Fui eu que compus. Registrei. Todos os direitos reservados. A faixa se chama “Engarrafamento rumo ao Sul”. Começa com uma melodia retumbante, dez faixas de trânsito congestionado na hora do rush pela manhã sobre um solo de guitarra sampleado de Kokomo Arnold. Ao fundo, duas saídas adiante e logo atrás do riff de guitarra, está o intermezzo, uma carreta de nove eixos que se mescla à melodia com o motor a pleno vapor e a buzina ressoando duas vezes. Depois de deslizar dezesseis compassos de guitarra e dos carros deslizando no engarrafamento (ninguém nunca entende a piada), um sedã japonês de repente freia bruscamente. As rodas travam. A derrapagem é assustadoramente longa e constante. Não sei dizer quantas vezes já ouvi essa faixa, mas mesmo assim toda vez que escuto aquele guincho agudo eu me preparo para o impacto. Antecipo o som de placas de metal amassando em estéreo. Um para-brisa explode e dez mil cubinhos de vidro temperado caem no asfalto da pista da esquerda com o tilintar acelerado digitalmente de um instrumento de percussão brasileiro. O falsete triste de Sun Ra indica a urgência.

*Portanto se erga com leveza da terra.*

*E teste as suas asas. Teste já.*

*Enquanto a escuridão é invisível.*

A guitarra sobe, o trânsito não anda. Kokomo murmura e geme.

Os joelhos da recepcionista estralam. Ela está na porta, espiando pela fresta. Olhando a protuberância na minha sunga, escutando a minha música e tentando entender o porquê. Como é que se chega a esse ponto?

Talvez você ache que a essa altura eu tivesse me acostumado com isso... essa falta de sol. Mas o inverno em Berlim não é bem uma estação, é quase uma época. Oito meses de céu cinza-cobertor-de-presidiário, somados à vida noturna esfumaçada e à solenidade das passadas dos berlinenses com suas botas de cano baixo, dão à cidade um ar de intriga de matinê em preto e branco. Se não fosse tão frio eu ia achar que estava fazendo uma ponta num melodrama antigo de Hollywood. Para sacudir o cenário monocromático que vai de setembro a abril, eu me pego colorindo coisas. Os olhos de Ingrid Bergman, a linguagem das prostitutas polonesas, a cobertura das *Schoko-Taler* na vitrine da *Bäckerei*, os trechos de céu numa tarde que vai de parcialmente nublada a nublada, tudo são falsas memórias de um tom de azul. Um azul que não existe na natureza, e que vive só na minha cabeça e no timbre da guitarra de Kokomo.

Nos dias em que o céu está limpo e com aquele tom forte de azul que esqueci há muito tempo, saio correndo do apartamento em direção à tarde ofuscante em busca de afeto e serotonina. Por um instante esqueço onde estou, depois percebo a distância pequena entre os eixos dos carros estacionados na rua com uma precisão de pátio de montadora. Na esquina da Schlüterstrasse com a Mommenstrasse, cachorros, donos de cachorros e alunos de escolas infantis desacompanhados, todos igualmente bem-comportados, esperam pacientemente o sinal de pedestres abrir para atravessar a rua. Olho para meus sapatos esquisitos e lembro onde estou. *Berlim, sim, Berlim.*

A estranha funcionalidade dos sapatos alemães, assim como a dos Fuscas e a da Bauhaus, conquista o sujeito. Se você for um criacionista, o Adão e a Eva do sapateiro alemão são os sapatos de boliche e os das enfermeiras, respectivamente. Os darwinistas dos sapatos, como eu, acreditam que a piramboia da espécie seja o Birkenstock de trezentos anos. Eu tenho um par



de Birkenstocks bem evoluídos, umas botas de escalada Hush Puppy que servem para qualquer ocasião e que se adaptam ao ambiente em constante mutação como se fossem camaleões de camurça. É com esses tenazes prodígios da seleção natural que caminho pela cidade freneticamente em busca do sol com o mesmo pânico que se abate sobre mim quando procuro minhas chaves. Os clichês da dedução passam pela minha cabeça: *Onde você viu o sol pela última vez? Tem certeza que você estava com ele quando saiu de casa?* Refaço meu caminho no sentido inverso, saindo das sombras dos guarda-chuvas de Cinzano em frente aos cafés ao ar livre, e vou rumo ao distrito comercial da Ku'damm. Os cristais esmigalhados na calçada cintilam. Turistas acenam do topo de ônibus de dois andares. O sol realmente “saiu”, mas nunca consigo encontrá-lo no céu.

Nenhuma tribo germânica tinha um deus sol. Pagãos como professores de filosofia, os visigodos, os francos e os vândalos eram espertos o suficiente para não acreditarem em algo que não viam. Rá, Hélios, Huitzilopochtli... o meu nome pro sol é Charlie. Passo costurando pelos pedestres imaginando que dois mil anos atrás algum huno andava à toa por esse mesmo caminho, calçado não com Birkenstocks, mas com sandálias de palha, procurando pistas do sol nessa selva que hoje é de concreto. Mas só vejo de relance a deidade amarela, seu halo cintilante em meio às folhas das árvores do parque Tiergarten, a luminosidade do xampu de ervas nos cabelos lisos da loura alta, quem sabe um reflexo na fachada glacial de um arranha-céu. Minhas visões nunca passam de eclipses parciais; um parapeito de castelo, uma torre de igreja, algo sempre está no meio do caminho.

Sabendo que os egípcios não fizeram nada digno de nota em três mil anos, os engenheiros civis de Berlim devem ter aprendido alguma coisa com os antigos. Os sábios de Gizé construíram as pirâmides de Quéops para se alinhar com o polo celeste, e os urbanistas berlinenses fizeram o mesmo, criando uma lei de zoneamento que aparentemente estipula que toda estrutura, seja prédio, outdoor, poste de luz ou ninho de

passarinho, seja erguida de tal maneira ou que chegue a uma determinada altura de modo a impedir que qualquer pessoa de estatura normal que esteja de pé em qualquer ponto dentro dos limites da cidade tenha uma visão clara e desobstruída do sol.

Sempre abandono a minha busca convenientemente na Winterfeldtplatz, os sinos de são Matias tocando ao crepúsculo e assinalando o fim da caçada. O céu escurece. O cheiro acre de pão árabe e *shawarma* chamuscados paira no ar. Um velho pedala uma bicicleta de duas marchas rangente. Uma mulher xinga a filha que não ajuda. As luzes dentro do bar Slumberland bruxuleiam. Em todo o tempo que moro aqui só vi o pôr do sol uma vez. E se não fosse a reunificação da Alemanha, nem isso teria acontecido.

A campainha soa, mas antes que eu desça da máquina a recepcionista programa o timer da cama de bronzamento para mais quinze minutos, reinicia a minha música e faz um sinal para que eu volte a deitar. Ela senta de novo em sua cadeira e ouve a música, com um canto da boca erguido num sorriso profundamente impressionado. De repente aquele canto se abaixa e ela franze a testa, pensativa. Os dedos param de dançar. Os pés param de marcar o tempo. Ela quer saber por quê. Por que eu faço bronzamento. Por que vim para a Alemanha. Digo a ela que vou precisar de mais de quinze minutos para responder. Vai precisar que nós dois tenhamos um daqueles bons relacionamentos horizontais, do tipo que a verticalidade dos encontros, caminhadas e passeios olhando vitrines do dia a dia acaba destruindo em dois anos. Quando eu já tiver chegado ao ponto de mandar cartões-postais com haicais acidentais rabiscados às pressas no verso...

*Na cama é bom. Beijos.*

*Mas é pôr os pés no chão...*

*E vira uma merda*

... a pergunta dela ainda vai continuar sem resposta, e aí eu vou ligar, choroso: “Te mandei um cartão-postal, por favor não leia”.



Ela ia querer terminar tudo, mas a gente ia continuar junto porque ela ainda não descobriu o porquê.

Ela ajeita a bunda roliça na cadeira. A cadeira range. Meu esfíncter aperta. Fora isso não me mexo. Me mexer ia estragar o nível de conforto, e há anos eu não me sentia tão confortável.

Quando saímos da Praia Elétrica meu rosto recém-irradiado rapidamente perde a batalha contra a noite gelada. Sempre limpa, nas noites de inverno Berlim é uma cidade especialmente antisséptica. Juro que muitas vezes tem um leve cheirinho de amônia no ar. Não é a esterilidade hermética de um hospital particular suíço, e sim a umidade escorregadia de um corredor de supermercado cheio de Mop & Glo que me deixa pensando que tipo de enchente histórica eles estavam combatendo.

As placas comemorativas que estão em todo lugar, expostas com o máximo cuidado para serem ao mesmo tempo perceptíveis e discretas, anunciam esses desastres como caixas cansados no turno da madrugada. *Temos um Holocausto no corredor dois. Lojas de cristais quebradas no corredor cinco. Milli Vanilli no setor de congelados.* Esses post-its metálicos não são citações religiosas nem frases de autoajuda como as que colam nos espelhos de banheiro e nas portas de geladeira, e sim lembretes para nunca esquecermos, demarcações morais fundidas em pilares, encrustadas em calçadas, gravadas em paredes de granito e, se tudo der certo, polidas em nossas mentes. HÁ MUITO TEMPO, E PROVAVELMENTE AMANHÃ, NO EXATO LUGAR EM QUE VOCÊ ESTÁ AGORA, ACONTECEU UMA COISA. SEJA O QUE FOR QUE ACONTECEU, PELO MENOS UMA PESSOA SE IMPORTOU, E PELO MENOS UMA PESSOA NÃO SE IMPORTOU. QUAL VOCÊ TERIA SIDO? QUAL VOCÊ VAI SER?

Na estação da Nollendorfplatz U-bahn nós nos pegamos olhando à toa para uma placa de mármore que homenageia as vítimas homossexuais do nazismo. Gente que segundo a inscrição teve seus corpos espancados até a morte (*totgeschlagen*) e suas histórias silenciadas até a morte (*totgeschwiegen*).

“O que você fez ontem à noite?”

É uma pergunta esquisita. Do tipo que em geral só se faz a um

melhor amigo depois de uma tragada num cigarro emprestado ou de tirar um cabelo desconhecido de um ombro conhecido. Mas sou grato a isso. Ela não quer se alongar no passado-não-tão-distante, nem eu.

“Nada. E você?”

“Nada.”

“E antes de ontem?”, ela pergunta, se aproximando o suficiente para tirar o ar da minha japonsa.

“Antes de ontem?”, eu digo, pondo a mão nas minhas costas e diminuindo a pressão que a mão dela fazia. “Antes de ontem eu estava superocupado.”

Ela fica magoada por eu me recusar a contar, mas anteontem é pessoal demais. Antes de ontem foi o dia mais importante da minha vida.

Nos trilhos elevados acima de nós o trem dela para. Ela está tentando fazer com que eu olhe para os seus olhos; porém minha atenção está concentrada num lugar que não consigo ver mas que sei que está ali. Um lugar que fica a duas quadras e uma curva para a esquerda atrás dela... o bar Slumberland. Meu beijo de boa-noite condescendente na testa é rapidamente rebatido por um beijo dela. Um beijo longo na boca que me dá uma ideia do que poderia ser o nosso futuro, uma longa série de depois-de-amanhãs que seriam suaves, impulsivos, ligeiramente salgados e quatro centímetros mais altos do que eu. *Tim-tom*. A campainha eletrônica de duas notas soa, as portas pneumáticas assobiam ao fechar, e num certo sentido nós dois perdemos nossos trens.

Sem conseguir a resposta que esperava de mim, a recepcionista rapidamente cruza os braços, indignada, as mãos apertadas nos sovacos. Quero pedir para ela fazer isso de novo. Não me beijar, cruzar os braços. O som de lixa das mangas de linho do jaleco dela se esfregando faz a ponta do meu pau coçar. É hora de dizer tchau. Estendo a mão para erguer o crachá mal preso na lapela da recepcionista. Está escrito *Empfangsdame*, que quer dizer recepcionista em alemão.

Começo a recuar, esperando que sua imagem desapareça na noite. Não desaparece. O jaleco dela é brilhante demais. Ela fica



lá de pé como um fantasma teimoso do meu passado, presente e futuro de sátiro que se recusa a ir embora.

É uma noite calma de segunda-feira; o Slumberland está escuro e silencioso. Só as luzes piscando no jukebox e um nigeriano que tenta impressionar uma loura com truques de seu isqueiro Zippo interrompem a imobilidade bolorenta. Peço uma cerveja de trigo, depois ponho um pouco de dinheiro no jukebox. Aperto 4701, “In a Sentimental Mood”. Os *legati* lânguidos de Duke Ellington entram pisando leve no bar e, como prometido, me deixam sentimental em relação a anteontem.

A maioria dos idiomas tem uma palavra para o dia antes de ontem. *Anteayer* em espanhol. *Vorgestern* em alemão. No inglês não há uma palavra para isso. É um idioma que tenta manter o passado simples e perfeito, livre da névoa subjuntiva da memória e do humor. Pego uma caneta, fico batendo impaciente com a ponta num guardanapo sobre o balcão enquanto tento bolar uma palavra em inglês para “o dia antes de ontem”.

Eu me considero um refugiado político-linguístico, vim para a Alemanha procurando asilo num país onde não preciso ouvir as pessoas dizerem “imperturbável” quando querem dizer “indiferente”, ou ter de escutar um porta-voz das Forças Armadas se referir eufemisticamente a um helicóptero que bateu numa montanha dizendo que ele fez uma “aterrissagem forçada”, e não tenho nem como começar a explicar o quanto é libertador passar por todos os domingos do outono sem ter que ouvir nenhuma vez alguém dizer que “A única coisa que a defesa preventiva previne é a vitória do seu time”. Ouvir os americanos falarem hoje em dia é como ouvir o Rei Lear destronado usando sua parolagem real para transformar camundongos e sombras em inimigos concretos. Os americanos estão sempre inventando frases vazias como “seja autêntico”, “design inteligente”, “geração hip-hop” e “paramédicos” para disfarçar o vácuo e o mundanismo.

Ironicamente, embora o som da retórica americana seja um dos motivos para eu ter ido embora, hoje ela é um dos únicos

vínculos que ainda tenho com meu país natal. A única pessoa com quem me correspondo é Matta Ouropel III, editor sênior do *Dicionário de inglês americano padrão Kensington-Merriwether*. Nosso relacionamento é contencioso, e como se eu fosse um revolucionário da palavra no exílio, tento aprimorar à distância a repressão linguística. Até o momento submeti quatro palavras para inclusão na próxima edição: *etimolófilo*, *corfuniano*, *hip-hópera* e *memória fonográfica*. Gosto das minhas palavras; elas são autoexplicativas e, acredito, muito necessárias. Quem acreditaria que o inglês é a única língua indo-europeia sem um adjetivo que descreva os habitantes da ilha de Corfu? Matta Ouropel diz que não precisamos de *corfuniano*. Em suas pedantes cartas de rejeição ele afirma que o povo de Corfu é chamado de grego, e que um etimolófilo não seria um amante das palavras, e sim um amante da origem das palavras. Cheio de condescendência ele diz que *hip-hópera* quase mereceria uma entrada por ser uma fusão inovadora que reúne alta e baixa culturas; no entanto, a expressão não tinha “a perspicácia franca crioula das novas entradas deste ano, por exemplo, *popozuda*, *milgrau*, *novinha*, *arlequina*, *galo*, *parça* e *avonts*”, só pra citar algumas gírias efêmeras. E apesar de eu ter incluído depoimentos da minha mãe e um vídeo de mim mesmo, aos doze anos de idade, ganhando vinte e cinco mil dólares no *Qual é a música?*, Matta Ouropel não acredita que eu, nem nenhuma das centenas de bilhões de pessoas que andaram sobre essa terra nos últimos cinquenta mil anos, jamais tivemos uma memória fonográfica — mas eu tenho. Eu me lembro de tudo que ouvi. Cada moedinha caindo, cada pingo de chuva, cada tênis rangendo e cada balido de ovelha. Cada canção de pular corda, adoletá e unidunitê para escolher quem vai fazer alguma coisa. Eu me lembro de cada letra cheia de energia de R&B no rádio e de cada riff distorcido do Hendrix. Cada pizzicato de Itzhak Perlman e os gemidos de cada agarrão contorcida no banco de trás do carro. Ainda ouço cada Ei, bicho, cada Você é o cara, e cada nota de bombardino de John Philip Sousa e cada farfalhar de árvore e o rumor de cada esquina. Me lembro de todo som que já ouvi. É como se minha



vida inteira fosse uma música que não consigo tirar da cabeça.

“Ai.” O nigeriano se queimou. Ele balança a mão violentamente e puxa o ar por entre os dentes. A moça que está com ele ri, pega a mão dele e lambe e encosta os dedos queimados no rosto.

A balada do jukebox termina com uma nota que Ellington faz soar com a suavidade de uma criança que acomoda um passarinho machucado numa caixa de sapato forrada com papel de seda. Uma série de palavras para “o dia antes de ontem” morre na minha garganta — *penultidie... pré-pré-hoje... aquém-d’ontem...* —, e como alguém com síndrome de Tourette, deixo escapar da minha boca uma palavra para “o dia antes de ontem”. “Doratrás!” A loura e o nigeriano me olham esquisito. Vou mandar para Matta Ouropel III do *Kensington-Merriwether*. Doratrás vai ficar linda na página 438 da Quarta Edição Universitária, aninhada entre *dor* e *doravante*.

“Você ainda pode escolher mais umas músicas.”

O nigeriano está de pé ao lado do jukebox.

“Coloca a 1007. Depois pode escolher o que você quiser.”

O rock ‘n’ roll passeia pela sala. Riffs sobrepostos de guitarra que não soam como maneirismos, uma bateria que impele a música com o amor duro em stacatto de um sargento atencioso no comando de um exercício militar, e o baixo, o baixo está acima disso tudo, suspenso sobre as cordas, os sintetizadores e a percussão com uma confiança convencida, sempre ameaçando se mostrar mas sem nunca chegar a fazer isso.

“Quem é isso?”

“The Magnum Opus.”<sup>1</sup>

Eles são do sul da Califórnia, displicentes, vagos, inconstantes, tão underground quanto pode ser uma banda que vendeu vinte mil discos. Os críticos aclamam bandas como Smashing Pumpkins e Pearl Jam como os portadores do novo rock ‘n’ roll, preferindo a insipidez da heroína à profundidade, os cortes de cabelo à musicalidade, a palidez da cabeça aos pés dos meninos brancos a uma banda mexicano/afro/americana/*guapo* politizada, cuja música não tem nada a ver com ser mexicano,

americano, preto ou bonito. Agudos, à beira do estridente mas já tendo passado do lógico, os vocais aquaplanam sobre a melodia.

“Eles são bons”, o nigeriano diz.

“Eles são bons”, eu queria dizer, “mas duas noites atrás, não muito longe de onde você está agora, eu e o maior músico do qual você jamais ouviu falar tocamos dois minutos e quarenta e sete segundos de perfeição musical tão atemporal quanto a bomba de hidrogênio e o *Saturday Night Live*. Uma batida perfeita a ponto de tornar nulos e vazios os rótulos musicais. Uma melodia transcendente a ponto de declarar a negritude oficialmente obsoleta. Finalmente, nós, as pessoas de cor, vamos ser olhados com uma alegre indiferença, não com a piedade erotizada nem com a aversão da projeção freudiana. É o que a gente sempre disse que queria, não é? Sermos julgados ‘não pela cor de nossa pele, mas pelo conteúdo de nosso caráter’? Cara, mas o que a gente tocou não foi o conteúdo do nosso caráter e sim algo que revelou *um caráter* independente da nossa cor. Foi uma música que por mero acaso era de uma negritude indeterminada e dançante pra caralho.”



Sinto falta de Los Angeles, o lugar onde os sons na minha cabeça começaram. Sinto falta da poluição do meio do dia; eu gostava da dor que sentia nos pulmões depois de correr atrás do cachorro pelo quintal, em volta da figueira e do limoeiro, o cachorro, quase tão sem fôlego quanto eu, me lambendo para tirar a areia do meu rosto, tirar a ardência dos meus olhos. Sinto falta do meu emprego no Trader Joe's, uma loja de conveniência para ricos que não comem glúten que, enquanto eu espremia laranjas em cima de um suco de laranja fresquinho, vinham na minha direção com duas garrafas de vinho me perguntar qual eu recomendava para harmonizar com uma refeição indonésia leve, o Chianti ou o Beaujolais? Essa era uma das coisas legais do trabalho: você podia dizer "Beaujolais", "Gouda" e "Reblochon". Sinto falta de dizer "Reblochon". Sinto falta dos desmoronamentos e dos incêndios ambientais. Para nós que vivíamos abaixo da linha da pobreza, que em Los Angeles fica uns duzentos metros abaixo do nível do mar, a Mãe Natureza era a grande equalizadora dos pobres da planície. Ah, a *schadenfreude* sem culpa de ver, no noticiário da noite, uma viúva de Coldwater Canyon de pé em cima do telhado da casa de campo armada com uma mangueira de jardim, se desviando das brasas e combatendo as chamas espalhadas pelos ventos fortes e pelo meu cinismo. Sinto falta das mansões de Malibu desabando encharcadas montanha abaixo. Os proprietários chafurdando na lama com seus impermeáveis italianos, suas casas dos sonhos de frente para o mar de cinco milhões de dólares transformadas em pilhas de madeira molhada. Em Los Angeles, as noites memoráveis são tão incontáveis quanto as possibilidades de montagem do double-kings-chili-cheese do Fatburger. São quentes e predominantes como os ventos de Santa Ana que as anunciam e se desenrolam

como filmes estudantis, irregulares, não lineares, experimentais, autoindulgentes e superexpostos. Noites regadas a garrafas furtadas de Volnay, Bordeaux e magnuns da Louis Roederer. Noites que terminavam quando os personagens de desenho animado induzidos pela psilocibina paravam de brincar no tapete da sala e subiam de volta para o aparelho de tevê, se transformando em homens com sotaques americanos arrastados genéricos, perguntando: “Deus entrou em contato com você hoje?”.

Sinto falta daquelas noites, mas o que não me faz falta é o medo. Em Los Angeles, meu medo era audível. *Que que tá rolando, meu chapa? Qualé, sangue bom? Pinche mayate, que cê tá fazendo nesse bairro, ese? Mãos na cabeça, cara no chão! Certeza que você tem grana pra pagar isso aqui?* Entre aquela pose toda, a cara fechada na hora da enterrada, a ousadia do hip-hop, a indiferença Tô-nem-aí da classe média e o rapper trepando sem camisinha com homens e mulheres você nunca ia adivinhar que os negros têm medo de muita coisa, entre elas a polícia, a água e as perguntas de matemática do exame do ensino médio; mas o que a gente mais tem medo é que um dos quatrocentos e cinquenta milhões de pretos que habitam este planeta seja um criminoso reincidente à solta, um cara mais malvado e menos simpático que o Stagolee, um crioulo em fuga do tipo parado-aí-vagabundo-ou-eu-estouro-os-seus-miolos e que tenha exatamente a sua cara.

Me mudar para Berlim reduziu quase a zero o medo de ser confundido com outra pessoa. Parei de ter o sonho recorrente de entrar numa agência dos correios e ver pregado num quadro de avisos um pôster dizendo PROCURADO POR FURTO, ESCRAVIDÃO BRANCA E CRIMES CONTRA A HUMANIDADE. As fotos de perfil e de frente não se pareciam comigo, mas era eu que estava ali. Embora fosse um eu que eu não conhecesse. Um eu com olhar duro, pálpebras semicerradas, irônico, que tinha uma série de apelidos absolutamente reveladores: Pol Pot Johnson, Steve Mussolini, Mugabe von Quisling. Abaixo da ficha criminal estavam as regras a serem seguidas por quem me encontrasse e o



valor da recompensa cívica. “Este homem é considerado armado, feio e perigoso como uma fusão nuclear. Se tiver informações sobre seu paradeiro, por favor, avise imediatamente as autoridades! Recompensa: US\$ 500 000 e a Eterna Gratidão de Seu Governo e dos Seus Concidadãos.”

Mas aquele medo de mim mesmo era quem eu era. Era tudo que eu e muitos outros habitantes de Los Angeles tínhamos. Eu esperava ser apontado em meio à multidão, descrito pela América branca e, se não por ela, um beijo de Velma Reinhardt, a megera loura peituda da vizinhança, serviria. No entanto, por vontade do destino, a América chegaria na frente de Velma.

Aos quinze anos recebi uma carta do Distrito Escolar de Los Angeles avisando que eu devia me apresentar à Universidade da Califórnia de Los Angeles para “testes especiais”. Enfim eu tinha sido identificado, apontado em meio à multidão. Essa carta deixou a mim e a meus pais apavorados, pois não muito tempo atrás homens negros eram infectados de propósito com sífilis, forçados a ingerir doses grandes de LSD e cronometrados na corrida de trinta e seis metros, tudo sob o disfarce dos “testes especiais”. Com a voz embargada, meu pai ligou para a Secretaria de Educação. “Sim, senhor. Entendo completamente, senhor.” Ele cobriu o telefone com a mão e sussurrou: “É uma prova de matemática. Vai ter três outros negros, dois latinos e um esquimó lá”. Minha mãe tirou os óculos e disse, solene: “Meninos brancos também?”.

“Sim”, meu pai acenou com a cabeça. O cachorro arranhou a porta dos fundos. Minha mãe chorou e virou as páginas. Eu não achava que alguém pudesse ler E. L. Doctorow tão rápido.

Eu era um desses meninos que gostava de ficar em primeiro lugar, e tomei providências para garantir, sem parecer muito desonesto, que eu fosse o primeiro a chegar na sala, fingindo ser o primeiro aluno negro sem-bolsa-atlética a reintegrar a UCLA desde a morte da ação afirmativa. Sentei perto das janelas abertas que davam para o pátio e pus a cabeça para fora da torre de marfim, uma Rapunzel de carapinha. *O ar dos brancos é mais refrescante, pensei comigo mesmo. O vento é mais rápido, mais*

*revigorante. A sombra é mais sombrosa. Os esquilos são mais esquilentos.* O monitor chamou meu nome — *Ei!* — e me levou para a última fila, uma fila que a essa altura estava ocupada por dois meninos negros com roupa de domingo e uma menina de cor usando aquilo que devia ser o vestido de noiva da mãe adaptado. O menino esquimó, com o lábio inferior inchado pelo tabaco que mascava, foi o último a chegar.

“Uukkarnit Kennedy?”, o monitor perguntou.

Sem pensar duas vezes Uukkarnit disse com uma voz grave, arrastada, defumada, filtrada: “Com certeza não é Ladies Love Cool James”. Todo mundo riu, já que a gente, na Costa Oeste, detestava o sentimentalóide LL Cool J e preferia as letras perversas do rap de Too Short.

“Sente onde quiser, sr. Kennedy”, disse o monitor, e embora a seção para brancos tivesse muitos lugares vagos, Uukkarnit sentou com a gente. Ele deu oi acenando com a cabeça ao modo dos negros, com o queixo erguido. Depois de depositar cheio de indiferença uma pasta de baba amarronzada em seu copo de cuspe, ele deixou aquilo no canto da carteira. Sentar com a gente era um ato de solidariedade. O equivalente do final do século XX a um protesto de alunos sentados no bandeirão da escola; e até aquela altura da minha vida, eu nunca tinha visto nada tão corajoso quanto aquele menino colocando a escarradeira de isopor na carteira bem diante dos olhos dos meninos brancos. Às vezes se sentir em casa é revolucionário.

O monitor andava pelos corredores para lá e para cá, pondo uma lapiseira e um caderno de perguntas lacrado em cada carteira.

“Se você está nesta sala, significa que teve uma nota maior do que noventa e oito por cento dos alunos no Teste Tennessee de Proficiência Matemática para Estudantes de Oitavo Ano Não Asiáticos. Esse caderno de perguntas que estou colocando diante de vocês é a Avaliação de Habilidades Matemáticas feita com todos os calouros do curso de matemática que chegam à Universidade da Califórnia em Los Angeles. Não abram o caderno até eu autorizar.”



Uma tosse nervosa. Lá de baixo, no pátio, vinham sons de meninas jogando futebol americano. Me inclinei para a frente e perguntei a Uukkarnit o que significava o nome dele. Sem olhar para trás ele respondeu: “Se você raspar o pelo do urso-polar, vai descobrir que a pele dele é preta”.

“Verdade?”

“O significado do nome ou a história da pele preta?”

“Os dois.”

“A primeira parte é verdade; quanto à segunda, nunca fui a lugar nenhum ao norte de Santa Barbara, quanto mais ver uma porra de um urso-polar de pelo raspado.”

As notas foram postas do lado de fora da sala em ordem descendente. Foi a primeira impressão de computador que eu vi. Ver meu nome e a minha nota — FERGUSON W. SOWELL: 100/100 — no topo da lista numa espécie de fonte futurista de telex foi reafirmador. Parecia oficial. Eu era real. Um a um fomos chamados a uma sala pequena. Quando chegou a minha vez, o sujeito atrás da escrivaninha começou uma ladainha rápida e decorada sobre a Guerra Fria e sobre “encontrar candidatos adequados para treinamento nas ciências aeronáuticas e nucleares”. Ao dizer “adequados”, ele diminuiu a velocidade, até parar no meio do discurso de vendedor. Depois que a minha inadequação inerente ficou clara para ele, ele não tinha mais nada a dizer, exceto: “Pode ficar com a lapiseira”.

Os estudantes brancos foram colocados em uma turma de matemática avançada na universidade; nós, os negros, e a única menina, recebemos instrumentos e fomos mandados para a Academia de Música Wilmer Jessop. Nunca mais vi Uukkarnit.

Não vou dizer que não aprendi nada na Academia Jessop, mas eles nunca me ensinaram Por quê? Por que eu estava tocando? Por que a música era tão poderosa? O que eu podia fazer com a música? Ela pode curar? Pode matar? Também nunca me ensinaram quem era Wilmer Jessop, pensando bem. Aprendi mais sobre música vendo Spencer Tracy na Turner Classic Movies do que em qualquer aula de composição. Escolha um

filme, qualquer filme — *Com os braços abertos, Conspiração do silêncio* —, quando Spencer Tracy entra numa sala, ele olha sério para o chão, procurando sua marca. Ele anda lentamente até ela, olha de soslaio para ela, bate com o dedão do pé nela, casualmente põe as mãos nos quadris, ergue aquele rosto beatífico dele e faz uma atuação do caralho. Tentei aprender a tocar como Spencer Tracy atuava. Incorporando o “em busca da minha marca” nos meus solos de trompete, tendo consciência enquanto toco de que a busca por identidade e a sensação de pertencimento são tanto um processo quanto um resultado, e que o truque é levar a plateia a pensar que você sabe exatamente aonde está indo. Aquela nota no teste de matemática foi a primeira vez que vi minha marca no palco. Eu sabia onde me posicionar. Eu existia e continuaria a me diferenciar cada vez mais dos outros machos negros com um resultado nos testes do ensino médio de matemática que até hoje levo no bolso de trás da calça, e quando alguém pede meus documentos posso mostrar minha nota e declarar: “Não sei que outro crioulo fez o que para quem, mas não pode ser eu. Olha só, Matemática, 800”.

Na época eu sonhava em ser o tipo do jazzista despreocupado, imaginando que meu nome de batismo, Ferguson W. Sowell, garantiria que em poucos anos meu rosto, fumando um cachimbo, estaria na capa de uma série de álbuns homônimos da Blue Note. Eu tinha uma gaveta de escrivaninha cheia de tiras de papel com os títulos de alguns desses discos não lançados: *Sowell Brother*, *Sowell um sobrevivente*, *O Sowell mio*, *Sowell e mais ninguém*, *Sowellstício de verão*. Eu realmente tinha um certo talento; minha memória fonográfica me permitia reproduzir qualquer música perfeitamente. Mas eu nunca sabia o que estava tocando. Meu professor de música podia dizer quantas vezes quisesse que as músicas soavam como seus títulos, mas mesmo assim eu nunca sabia diferenciar um tema do Thelonious Monk do outro.

“*Bum baba bum. Bum baba bum*”, ele cantava. “*Bum ba bum ba bum bababa bum*. Que música é essa, sr. Sowell?”



““Epistrophy”?”

““Blue Monk”, seu surdo ignorante!”

Fui retirado aos poucos do programa de jazz da Academia Jessop e me tornei o único aluno matriculado em “Estudos Audiovisuais”, o equivalente à educação especial em uma escola de música. Eu passava a maior parte do tempo me preparando para uma futura carreira como roadie, montando baterias, afinando instrumentos e levando projetores e equipamentos de som de uma sala para outra. No meu tempo livre eu me trancava no almoxarifado e fuçava nos computadores e nos toca-discos. Eu precisava entregar um trabalho de conclusão de curso explicando como fazer uma boa microfonação de um baterista que também faz backing vocals, mas em vez disso entreguei uma versão do *Messias* de Haendel inteiramente composta com elementos do álbum *Licensed to Ill* dos Beastie Boys. Meu oratório barroco/brat-rap/mash-up se tornou o discurso de orador da turma daquele ano. Depois de formado decidi desistir do trompete, me matricular na faculdade e virar um DJ.

Ser DJ era muito mais fácil. Fácil demais, na verdade. Toque “Knee Deep” na recepção de casamento e até a vó da noiva vai pra pista chacoalhar o quadril quebradiço e balançar os seios pendulares.

Veja, sou o primeiro a admitir, não sou o disc jockey tecnicamente mais talentoso a já ter colocado a agulha num vinil. Canhotoz aguda, medo de multidões e aquilo que considero ser meu saudável ódio à autopromoção de um nome artístico chamativo, DJ Darky — Aquele Cara Cerebralmente-Destro, Egocentrado e Agorafóbico, e não o seu prototípico dervixe do beat-juggling e do speed-mixing gritando “Isso é arte! Isso é arte!” depois de cada contorção corporal e cada scratch. Boa parte das vezes que eu faço scratching, e raramente faço, é por acidente, e compenso a falta de habilidade e de negritude com uma superabundância de bom gosto e uma coleção de discos que gosto de pensar que está para a discotecagem assim como o Louvre está para a pintura.

Eu invejo o curador do Louvre. Seja ele quem for, está numa

situação melhor que a minha. Você não precisa ficar procurando o próximo fenômeno do impressionismo. *Tem esse cara chamado Monet, você tem que ver. A pincelada dele é impecável.* Você não precisa ficar folheando portfólios, ouvindo fitas, na esperança de que o seu suspiro forte exprima curiosidade, não exasperação. Ninguém jamais pergunta o que você acha do Jeff Koons. Duas vezes por ano o curador pega um elevador lento com temperatura controlada, vai ao porão, cumprimenta com um aceno condescendente o guarda argelino armado com um blazer de poliéster roxo e pede que ele escolha uma letra, qualquer letra, e tira a poeira do Degas e do Delacroix. *Vamos ezibirr essez aqui, non?*

Todas as decisões importantes foram tomadas por ele lá em 1793 quando o Louvre abriu suas portas douradas e disse: *Enculez le chic*, foda-se o chique. No fim do século XVIII, o neoclassicismo era cultura pop. Goya era um artista de grafite. A litografia era computação gráfica. Mozart botava a casa abaixo com um permanente Suzy-Q no cabelo que levaria qualquer gângster rapper de L.A. que viajasse no tempo e fosse digno de sua chapinha e de sua touca de banho a perguntar onde podia comprar uma peruca daquelas, mas sem o pó. Quando Zerezo transformou o bolero, uma dança popular espanhola, em balé francês, ele podia muito bem ser o Crazy Legs ou o Rock Steady ensinando break para as madames urbanas, cabelos em rabos e os outros rabos pro ar.

*... e patina, patina... e demi-plié, demi-plié.*

Nunca vi a Mona Lisa, e pelo que ouço falar o quadro é superestimado. Mas o que não é? Da Vinci deu sorte. Todo gênio dá, especialmente os prolíficos. Penso do Leonardo o mesmo que penso de Tupac e Edgar Allan Poe. Dois autores levados por suas olheiras e por sua fecundidade, mais ou menos do mesmo modo como o milionésimo macaco na milionésima máquina de escrever datilografada Shakespeare, escrevendo algumas poucas peças aleatórias brilhantes em meio a resmas de coitadinho-de-mim cheias de rimas repetidas e vazias. “O corvo”, “How Do U Want It”, “O coração revelador”, “Dear